



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao telejornal SBT Brasil

Palácio da Alvorada, 12 de maio de 2010

Jornalista: Presidente Lula, eu vou começar pela parte mais fácil. Quem sabe, a mais difícil, não é? O que é que o senhor achou da convocação do Dunga? Quem o senhor deixaria fora, que entrou? Quem o senhor poria dentro, que ficou fora?

Presidente: Olha, primeiro, Carlos, eu quero te dizer que é uma alegria poder estar conversando com você outra vez...

Jornalista: Obrigado.

Presidente: ...e dizer que eu acho que o Dunga convocou a Seleção que é a cara dele. Esse time que ele convocou tem tido sucesso com ele, ganhou a Copa América quando os chamados craques não quiseram jogar, ganhou a Copa das Confederações, e classificou o Brasil em primeiro lugar nas eliminatórias, ou seja, não é pouca coisa. Então, eu acho que o Dunga convocou o time em que ele confia. Pode ser que tenha um ou outro jogador melhor jogando, mas como estão todos no exterior, a gente não sabe se estão jogando bem. E ficou, aqui, a dúvida do Ganso e do...

Jornalista: Neymar.

Presidente: ...e do Neymar. O Ganso foi convocado entre os sete, que não se sabe se alguém vai desistir, e o Neymar. Eu acho que o Dunga também tem razão, veja, porque jogar na seleção brasileira, numa Copa do Mundo, a



camisa já começa pesando 180 quilos, não é... tem um efeito psicológico... Então, eu acho que é o seguinte: acho que o Dunga mostrou personalidade e ele mostrou que tem comando.

Jornalista: Bom, o senhor falou em Copa do Mundo. Existe algum risco concreto, diante dessas últimas reações da Fifa, de a Copa de 2014 não ser no Brasil?

Presidente: Não existe nenhuma possibilidade. É que eu acho que as pessoas falam demais. Nós estamos numa fase de planejamento do que vai acontecer. Nós estamos discutindo, nesse momento, os estádios que cada governador apresentou os projetos – e cada um apresenta o projeto mais megalomaniaco possível –, e nós precisamos ajustar os projetos à realidade do Brasil e às necessidades da Copa do Mundo. Nós estamos pensando, agora... fazendo com que a mobilidade urbana seja planejada, para que a gente possa fazer os investimentos necessários e fazer a Copa do Mundo. Ora, se o Brasil não tiver condições de realizar a Copa do Mundo, você não tem condições de ser repórter, eu não tenho condições de ser sequer um simples sindicalista.

Jornalista: Está respondido.

Presidente: O Brasil está preparado para isso.

Jornalista: O senhor vai vetar esse aumento dos aposentados, se chegar ao senhor esse assunto?

Presidente: Olha, eu só vou me pronunciar quando os autos chegarem à minha mesa. Vamos deixar o Congresso trabalhar, quando chegar à minha mesa, eu tomo a decisão.



Jornalista: O senhor acha que os servidores públicos estão abusando nesse período, porque é um ano eleitoral, com as greves e os pedidos de aumento?

Presidente: Olha, uma coisa nós temos feito: nós fizemos acordo com quase 99% dos servidores em 2008, que era para a gente evitar que tivesse aumento em 2010, até porque não é correto, politicamente correto, você ficar comprometendo quem vier depois de você. Então, é preciso ficar claro que o governo não pretende dar reajuste neste mês, porque muitas categorias vão receber reajustes agora, em julho, do acordo que nós fizemos de 2008. Então, é importante que as pessoas tenham bom senso. Eu não posso, por responsabilidade, comprometer o Estado para outra pessoa que venha a governar o país.

Jornalista: O senhor defende, aprova, concorda, com o projeto do “Ficha Limpa” para os candidatos? Quem for condenado não pode fazer política.

Presidente: Eu acho que quem for condenado... Está correto, não pode ser candidato mesmo, tem que ser preso. Agora, o que eu não posso admitir é que alguém seja proibido de ser candidato por que houve uma denúncia insinuada contra ele.

Jornalista: Mas se for um processo, alguma coisa de indícios graves?

Presidente: Veja, deixa eu te falar uma coisa: essa coisa, nós temos que ser bastante responsáveis, Nascimento. Veja, a pessoa, ela só estará proibida de ser alguma coisa se ela for condenada nas instâncias em que ela tem que ser julgada.



Jornalista: Bom, a propósito, o senhor acha...

Presidente: Agora, o eleitor pode fazer o julgamento antes...

Jornalista: Vota ou não vota.

Presidente: ...o eleitor pode fazer o julgamento antes.

Jornalista: No caso do secretário Tuma Júnior, secretário nacional de Justiça, o senhor acha que é um caso de afastamento, de férias, como ele disse que é o caso, ou de demissão?

Presidente: Olha, deixa eu lhe falar uma coisa: eu acho que nós temos que ter clareza de que o Tuma tem serviços prestados, de forma extraordinária, à polícia de São Paulo e à polícia brasileira. Há indícios de conversas dele com pessoas que são suspeitas, mas não há nenhuma prova concreta de que ele cometeu qualquer ilícito. Nessa... nessa situação, eu prefiro que haja o afastamento dele e uma apuração correta. Se o ministro [da Justiça] entendeu que as férias dariam tempo suficiente para fazer a investigação, eu acho que o ministro tomou a atitude correta.

Jornalista: O senhor está de saída, justamente hoje, para uma viagem importante. O senhor vai para a Rússia, vai para o Catar, depois Espanha, Portugal, mas principalmente para o Irã. As potências já disseram que a diplomacia brasileira está sendo ingênua e que os iranianos querem, na verdade, a bomba atômica. O senhor vai, nessa viagem, tratar justamente dessa questão. O que o senhor pretende fazer para provar o contrário?

Presidente: Bom, a maior prova que eu tenho é que as mesmas potências



diziam que nós éramos ingênuos quando dizíamos que não tinham armas químicas no Iraque. Hoje está provado que a ingenuidade fez a guerra, porque nós sabíamos que não tinha. Veja, eu tenho conversado com o Irã, o Brasil tem negócios com o Irã, e o Brasil tem soberania para fazer sua política internacional, independentemente do que pensam os outros países. O que eu acho grave é que nenhuma grande potência, até agora, conversou com o Presidente do Irã. São funcionários de terceiro escalão que estão conversando. E eu gosto de conversar olhando no olho. Eu quero, para o Irã, aquilo que eu quero para o Brasil, ou seja, eu quero utilizar a energia nuclear para produzir energia elétrica e para produzir remédio. O Brasil tem, na sua Constituição, a proibição de utilização para a bomba atômica.

Jornalista: O senhor acha que o senhor tira esse compromisso do Presidente...

Presidente: Eu acho... Eu vou lá para tirar. Se não tirar, meu filho, também, eu não tenho outro compromisso com o Irã, a não ser o compromisso de tentar convencer o Irã de que a paz é melhor do que a guerra.

Jornalista: Bom, e aí se o senhor conseguir, o senhor vai ser candidato a Prêmio Nobel da Paz, seguramente.

Presidente: Ninguém faz política pensando nessas coisas. Se eu conseguir, eu acho que vai ser um alívio para o Irã, um alívio para todos nós que queremos a paz. O que eu não posso é deixar de compreender que é preciso fazer esforço político. Nós somos políticos, nascemos políticos, fazemos políticas, somos eleitos para fazer política. Não é possível que a gente coloque os tecnocratas para fazer o que os dirigentes têm que fazer. Por que é que o Obama não chamou o Ahmadinejad para conversar? O Sarkozy? Angela



Merkel? Gordon Brown, que agora perdeu? As pessoas não conversam. E tem que conversar. Eu vou lá para conversar.

Jornalista: O senhor vai se encontrar com a oposição iraniana ou não?

Presidente: Depende. Gostaria muito, gostaria muito. Agora, veja aqui a contradição, a ironia. A oposição iraquiana [iraniana] é que tem uma posição muito dura para que o presidente Ahmadinejad não deixe de construir a bomba atômica. É a oposição. Por que é que os americanos não chamam a oposição? Por que é que os europeus não chamam a oposição? Por que é que o Conselho de Segurança não chama a oposição e fala: “Olha, defendam a não construção da bomba nuclear”. Eles não agem. E se eu puder, eu vou conversar com todo mundo que eu puder. Se permitirem, eu conversarei até com gente de rua para mostrar que a paz é melhor, e mostrar o exemplo do povo pacífico, que é o povo brasileiro.

Jornalista: Na viagem recente a Cuba, o senhor foi muito criticado ao comparar os presos políticos cubanos com presos comuns no Brasil. Hoje, se o senhor pudesse refazer essas considerações, o senhor refaria ou o senhor diria a mesma coisa?

Presidente: Não, eu diria que os presos são um problema de Cuba, ou seja, cada país trata, de forma soberana, essa questão pessoal. Eu aprendi, com essa lição e com outras, que a gente só deve “meter o nariz” onde a gente é chamado. Os cubanos cuidam dos cubanos e eu cuido dos brasileiros.

Jornalista: Tá. Bom, vamos falar um pouco de política nacional, agora. O senhor disse que não vê a possibilidade de Dilma Rousseff perder a eleição. Agora, o senhor sabe que na política tudo é possível, e tudo muda muito



rapidamente. Pelo menos, o senhor está preparado para uma eventual derrota?

Presidente: Veja, primeiro, eu não perderei nunca, em nenhuma hipótese, porque eu acho que quem ganha e quem perde é o povo brasileiro, com o processo eleitoral. Eu acho que, para nós, o Presidente da República precisa garantir que haja um processo eleitoral limpo, democrático, e o Presidente da República começará a rezar, no dia seguinte, que quem ganhar possa fazer um governo infinitamente melhor do que o que eu fiz.

Jornalista: Então, o senhor admite a possibilidade de que a oposição ganhe?

Presidente: Veja, em um processo eleitoral nós temos três ou quatro candidatos, porque ainda não estão definidos todos. Qualquer um que é candidato pode ganhar as eleições. Ou seja, em eleição e mineração, a gente só vai saber o resultado depois da apuração, meu filho.

Jornalista: Tá bom. Bom, por que o senhor não foi ao lançamento da candidatura do senador Mercadante, em São Paulo?

Presidente: Eu não fui porque não era necessário eu ir. Eu mandei uma carta para o Mercadante... mas não tem... ninguém tenha...

Jornalista: Mas é o estado mais importante...

Presidente: ...mas ninguém tenha dúvida de que eu vou fazer campanha para o Mercadante, ninguém tenha dúvida de que eu vou assumir a campanha do Mercadante. E quando eu falo que a Dilma vai ganhar as eleições é porque eu acho que ela está mais preparada para exercer e dar continuidade ao que nós estamos fazendo. Agora, vai ter debate, vai ter muita campanha, e o povo,



nesse processo todo, vai decidir quem vai ser. E quem for ser... e quem for presidente, Nascimento, terá da minha parte todo o apoio possível.

Jornalista: O senhor já foi multado duas vezes pela Justiça Eleitoral, e eu vi, – nós todos, brasileiros, vimos – o senhor reclamando, dizendo que não pode ser refém de um juiz, o que ele decide nesse caso. O senhor, como presidente da República, já que a lei diz isso, o senhor não tem que dar o exemplo?

Presidente: Olha, primeiro, eu vou lhe dizer uma coisa: foi uma pena que você não ouviu tudo o que eu falei, só ouviu o que apareceu em alguns canais de televisão, porque houve má fé. Eu estava num encontro do PCdoB, e eu estava fazendo crítica à inexistência de reforma política. E a frase que eu disse foi: “enquanto os partidos políticos não criarem juízo e não fizerem a reforma política, a gente vai ficar à mercê da interpretação de juiz”. Foi isso. Lamentavelmente, tentaram explorar, como se eu estivesse apenas querendo criticar o Poder Judiciário. Eu estou convencido de que os partidos políticos precisam fazer uma reforma política para a gente não ficar, a cada eleição, subordinado à interpretação, porque há irresponsabilidade no Congresso Nacional em não fazer a reforma política.

Jornalista: Por que o senhor não fez essa reforma?

Presidente: Veja, eu mandei... tem duas propostas minhas para fazer a reforma. Acontece que quem tem que fazer a reforma são os partidos políticos, no Congresso Nacional. Veja que absurdo: uma das multas que eu tive, eu estava num sindicato, no sábado à noite, portanto, numa entidade particular, e eu não falei sequer o nome da Dilma. Sabe por que eu fui multado? Porque na hora em que eu falei que eu ia ajudar a ganhar as eleições, o câmara focou na cara da Dilma. Então, interpretaram que, como era uma empresa pública que



focou a cara da Dilma, eu estava fazendo campanha para a Dilma. Então... Daqui a pouco eu posso ser multado porque falei para você o nome da Dilma aqui...

Jornalista: Não, pode ficar sossegado que não.

Presidente: ...e o SBT é concessão do Estado brasileiro.

Jornalista: O senhor acha que o Michel Temer é o melhor vice para Dilma Rousseff?

Presidente: Olha, eu acho que o melhor vice para a Dilma é aquele que se der bem com a Dilma, porque essa questão de vice é como casamento, meu filho: você precisa chamar alguém com quem você se dê bem, em quem você tenha confiança, com quem tenha uma boa relação. Eu acho que a Dilma é que tem o direito de dizer quem será o vice dela. E acho que o Temer é um bom candidato.

Jornalista: Bom, Presidente, o chamado Programa de Direitos Humanos mostrou que dentro do seu governo há grupos de tendências totalitárias que, naquele documento, tentaram confrontar o Poder Judiciário, o direito de propriedade, a liberdade de imprensa. O senhor, até aqui, conseguiu controlar muito bem esses grupos. A oposição diz que se Dilma Rousseff ganhar, ela não controla.

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa. Eu, se adivinhasse que você fosse fazer essa pergunta para mim, eu tinha trazido para você o texto dos Direitos Humanos de 2002, do governo Fernando Henrique Cardoso, e o texto de 1996 dos Direitos Humanos. Você vai perceber que naquele texto, tanto na questão



agrária, quanto na questão das telecomunicações, o texto é muito mais radical do que o nosso. Eu estou vendo que a Abert está aqui, depois até vou conversar. Por que tanta braveza contra o texto feito no meu governo e por que tanto silêncio no texto feito em 2002 e [19]96? Porque é muito mais agressivo. Lá, chega a se falar no controle social dos meios de comunicação. O que nós fazemos é regulamentar o artigo 221 da Constituição, ou seja, muito mais brando. Entretanto, a ira contra nós foi muito maior, e eu vou querer saber por quê.

Jornalista: O senhor acha – a parte segunda da pergunta – que Dilma Rousseff, uma vez no governo, poderá controlar os radicalismos?

Presidente: Eu acho que ela vai controlar o radicalismo, como eu controlei, como qualquer um tinha que controlar, até porque ninguém convive com o radicalismo. Você pode ter as pessoas que têm seus princípios, as pessoas que defendem suas ideias mas, na hora em que você governa, você sempre constrói o caminho do meio: não é tudo o que eu quero, não é tudo o que os outros querem. É aquilo que é possível fazer. Essa é a lógica do sucesso de um governo.

Jornalista: A oposição torce o nariz toda as vezes em que o senhor diz a célebre frase “nunca antes neste país”, não é, enxergando nisso um exagero da sua parte, como se o Brasil não existisse antes, que o senhor é que começou o Brasil. Isso é inveja, é rabugice da oposição ou, de fato, às vezes o senhor exagera um pouco?

Presidente: Não, é que isso é constatação de fato, é constatação de fato, porque essa gente que fica com o nariz torto tentou destruir este país. Não sei se você sabe que hoje o Brasil não produz um metro de trilho. Nós estamos fazendo 6 mil quilômetros de ferrovias e, se eu quiser trilho para colocar numa



ferrovia, eu tenho que importar da Itália, da China ou da Polônia, porque a gente produzia até 15 anos atrás. Você viu o navio que nós inauguramos lá em Recife, um navio que tem 250 metros de comprimento, um meganavio que, dez anos atrás, diziam que o Brasil não estava preparado, que não ia construir, que a indústria naval estava falida. Quando eu tomei posse, a indústria naval tinha 1.900 trabalhadores; hoje já está com 45 mil. Então, eu acho que muitas coisas que nós fizemos... Eu vou dar um exemplo de uma coisa banal, que “nunca antes na história do país”: reunião com reitores. Nenhum presidente da República nunca teve coragem de fazer reunião com reitores. Quando recebia um, recebia pessoalmente porque era amigo. Eu me reúno todos os anos com todos os reitores do país – e não foram eles que me retiraram o dedo, não – para discutir o destino da universidade brasileira. Quando eu digo para você “nunca antes na história do país”, um presidente que não tem diploma universitário é o presidente que já construiu mais universidades na história do país.

Jornalista: Vamos falar um pouquinho, vamos falar um pouquinho disso aí. O senhor diz isso, que não tem um diploma universitário, mas o senhor gostaria de ter.

Presidente: Lógico, eu gostaria de ser economista. Eu acho chiquérrimo! Eu falo todos os dias... Não é que eu tenha alguma coisa contra economista, mas é que ele sabe tanto número! E quando é oposição, sabe muito mais ainda. O Serra, agora, está sabendo tudo o que ele não sabia quando estava no governo. Então, eu acho isso extraordinário. Então eu queria ser economista. Quem sabe, depois que eu deixar a Presidência, eu faça um curso nessas universidades abertas, aí. Quem sabe eu vou me especializar, porque eu aprendi um pouco. Quando eu era dirigente sindical, eu, embora não tenha ido para a universidade, eu aprendi muito economia para poder negociar aumento



de salário. E você cobriu muitas das nossas assembleias.

Jornalista: Muitas, no Hotel Merak...

Presidente: Então, eu gostaria de ser economista. Por isso é que eu estou investindo muito em universidades e em escolas técnicas, porque eu quero que as crianças deste país tenham a possibilidade e a oportunidade que eu não tive quando tinha a idade deles.

Jornalista: Presidente, o senhor considera que faz um governo social – essa é a imagem do seu governo. Agora, tem uma realidade hoje, no Brasil. Tanto os ricos quanto os pobres, eles não podem abrir mão do plano de saúde; os nossos filhos têm que estudar em escola particular para ter um ensino melhor; nós não podemos abrir mão do carro porque não dá para confiar no transporte público; e, a cada dia que passa, todos nós, brasileiros – com raras exceções –, nos sentimos mais inseguros. A questão da insegurança pública. Não deu para mudar isso, Presidente?

Presidente: Veja, primeiro vamos ter claro o seguinte... Aí eu vou dizer, e você pode estudar, está cheio de gente no SBT que pode estudar. Mas pegue, nos últimos 30 anos, se algum presidente da República colocou 15% do dinheiro que nós colocamos na segurança pública, na construção de parceria com os governos dos estados. Nós criamos o Pronasci, que estamos... Já tem o Pronasci implantado em 13 comunidades mais nervosas do Brasil, mais violentas. Lá em Santo Amaro, em Pernambuco, nós já diminuimos 70% a violência no bairro.

Jornalista: Mas por que o crime continua?



Presidente: Veja, o crime continua por que tem “N” razões do crime continuar. Nós precisamos fortalecer a Polícia, fortalecer a Inteligência, e à medida que você vai avançando as conquistas sociais do povo, você vai diminuindo. Se você quiser, eu posso te convidar pessoalmente para ir comigo para ver os investimentos que a gente está fazendo nas principais favelas deste país, para você ver que nós acreditamos que somente a mudança na relação entre Estado e a sociedade, quando os pobres, que estão mais vinculados à violência, pela pressão social, tiverem lá o Estado com escola, com saúde, com educação, com emprego, com cultura, você vai perceber que o crime vai diminuir. Enquanto isso, nós já criamos a Força Nacional, na segurança pública; enquanto isso, nós criamos a Bolsa Formação, que já tem mais de 170 mil policiais estudantes. Então, nós estamos fazendo um trabalho imenso. Agora, é importante lembrar que a corrosão da polícia deste país é quase secular, e nós precisamos fazer muito mais investimento para que a gente possa diminuir a segurança [insegurança]. Com relação à saúde...

Jornalista: Escola pública, saúde, transporte...

Presidente: Com relação à escola pública, você é testemunha, os dados estão aí para mostrar que há uma melhora substancial. O dado concreto, o dado concreto é que ainda tem governador de estado que não quer pagar um piso de R\$ 1.020 para os professores, que nós criamos. O dado concreto, meu caro, quando eu cheguei no governo eu inventei de fazer uma Olimpíada de Matemática em escola pública, e me diziam que estudante pobre não ia participar. Sabe quantos se inscreveram este ano? Vinte milhões de crianças, das escolas. O fato concreto é que nós, em apenas oito anos, fizemos mais escolas do que foi feito em 100 anos, uma vez e meia. Ou seja, em 100 anos fizeram 140, e em oito anos nós vamos entregar 214. Obviamente que isso não é tudo. Quem vier, Deus queira e Nosso Senhor abençoe, que faça dez vezes



mais do que eu, para a gente tirar o atraso a que o país está submetido.

Jornalista: Bom, o senhor, Presidente, várias vezes, referiu-se às elites brasileiras como se fossem contrárias ao povo. O senhor fala muito em “ricos e pobres, nós e eles”. O senhor acha mesmo que hoje, no Brasil, existem brasileiros interessados na desgraça dos outros brasileiros?

Presidente: Não! Eu não acredito... acho que nunca quis. O dado concreto é que a estrutura da sociedade brasileira, ela foi perversa. Primeiro entre os escravizadores e os escravos, depois entre os portugueses e os índios, depois entre os senhores de engenho e os escravos. E ela vem permeando a consolidação de uma parte miserável sem nenhuma chance e uma parte cada vez mais elitista. Isso não foi por falta de crescimento do Brasil, porque de 1950 a 1980 o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo, e essa distribuição não foi feita adequadamente. O que nós fizemos? Quando nós entramos no governo... Eu tenho uma tese, que é a seguinte: dinheiro, mesmo que pouco, na mão de muitos significa distribuição de renda; dinheiro, muito, na mão de poucos significa concentração de riqueza. E o que é que nós fizemos? Nós, então, começamos a distribuir. Você está lembrado? Não podia aumentar o salário mínimo porque causava inflação. Nós estamos aumentando o salário mínimo em 74% e não causou inflação. Nós criamos o Bolsa Família, que alguns diziam que era esmola porque não sabem que, muitas vezes, o que um rico dá de gorjeta depois de tomar três doses de uísque no bar, dá para uma mãe levar comida para o filho comer por 15 dias.

Jornalista: O senhor falou...

Presidente: Então, o que nós fizemos foi isso.



Jornalista: O senhor falou em inflação. Há previsão, aí, de um crescimento da economia, de mais de 6%. Com isso, aumentando o crescimento da economia, vem a inflação. O Banco Central já prevê aumento de juros, e o Ministério da Fazenda acha que não é bem assim. O senhor acha o quê?

Presidente: Eu acho o seguinte: eu acho que estabilidade econômica e controle da inflação é obrigação nossa para a economia brasileira dar certo.

Jornalista: Se tiver que subir o juro em ano eleitoral, vai subir?

Presidente: Se ele tiver que subir, vai subir, meu filho. Veja, a eleição é um processo. Agora, eu jamais, jamais permitirei que, por conta de uma eleição, a gente deixe a economia desandar, como deixaram em 2002. Em 2002, você sabe, pode pegar a imprensa da época, o governo daquela época poderia ter tomado atitudes para evitar que a inflação voltasse. Não tomou, de medo, por causa das eleições. Eu não vou jogar [fora] o sacrifício que nós fizemos, que se transformou num patrimônio do povo brasileiro – a conquista da estabilidade, o controle da inflação, a distribuição de renda e as políticas sociais – por conta de uma eleição. Quem pensar nisso vai quebrar a cara.

Jornalista: O senhor não está preocupado com o crescimento do déficit público neste momento?

Presidente: Não, não estou preocupado porque, se você olhar o mundo, acho que tem poucos países no mundo que têm o déficit público que nós temos. O nosso déficit público é altamente pequeno diante do tamanho do Brasil, diante da população do Brasil, e vai continuar sendo pequeno. Agora, tem uma coisa, Nascimento, que de vez em quando as pessoas deformam. Veja, eu estou contratando agora, já entreguei 1.200 [até o fim de março, havia 2.138], vou



entregar mais 1.600 ambulâncias para o Samu, ou seja, vão ser 3.650 ambulâncias rodando no Brasil. Para cada ambulância eu preciso de um motorista, de um médico, de uma enfermeira, ou seja, eu preciso contratar. Se eu estou fazendo mais escolas, eu preciso contratar mais professores, mais funcionários.

Jornalista: A oposição diz que não, que é cabide de empregos.

Presidente: Ah, pois é... porque a oposição tomou uma atitude tão draconiana com o Brasil, que as pessoas se aposentavam e eles nem repunham os aposentados. É como se você se aposentasse, amanhã, no SBT, e eles não colocassem ninguém no teu lugar. Ia chegar um dia em que ia ter só o dono do SBT e não ia ter funcionários para trabalhar. Se a gente quiser dar um bom atendimento ao povo, nós temos que contratar mais gente para atender o povo.

Jornalista: Presidente, ao responder ao Supremo Tribunal Federal, o senhor disse que foi informado da existência do mensalão, na época. Que atitude o senhor tomou?

Presidente: A atitude de mandar investigar, pelos meus líderes, que disseram que não tinha. E até agora, até agora... Eu vou esperar, a história vai julgar se houve ou não mensalão, tal como foi dito. A história que eu sei é que um cidadão que disse que tinha mensalão foi cassado porque não provou que tinha mensalão. Ora, se você é cassado porque não provou a acusação que fez a mim, significa que, *a priori*, eu sou inocente. Mas o processo continua, e muitos que são inocentes pagaram o preço. Vamos esperar que se faça justiça neste país, por isso o processo está no Poder Judiciário.

Jornalista: Presidente Lula, o senhor voltaria a colocar, em público, o boné do



MST, como o senhor fez algumas vezes?

Presidente: Botaria, botaria, botaria. Eu coloco o boné do SBT, se você me der aqui. Eu coloco do Corinthians, do São Paulo, do Palmeiras.

Jornalista: São coisas diferentes.

Presidente: Mas eu coloco, coloco o boné do MST. Hoje eu vou ter um encontro com o Grito da Terra, e se me derem um chapéu, eu coloco. Porque... veja, nós temos que encarar que essa gente faz parte da realidade política do país. Você tem sectários nos Sem Terra, que invadem uma terra - que eu acho sectarismo -, e você tem os sectários, de outro lado, que puxam um gatilho e matam um. Ou seja, esses dois tipos de sectários não constroem o Brasil que nós queremos construir. Estou falando para você de um cidadão que [foi] responsável pelo assentamento de 60% de tudo o que foi assentado desde o começo da história do Brasil. Nós já desapropriamos 47 milhões de hectares de terra, nós já assentamos 540 mil famílias. Não é pouca coisa.

Jornalista: Presidente, os agricultores brasileiros, pequenos, estão sendo obrigados a replantar árvores – o senhor sabe, não é? –, a dar 20% da propriedade de reserva legal mais a APP, na margem de rio, montanhas e tudo o mais. O senhor acha justo isso com os pequenos produtores?

Presidente: Primeiro, vamos ter em conta o seguinte, que a lei que obriga a ter 20% é uma lei que vem de 1900 e não sei quanto, é uma lei antiga. Eu acho que nós... nós tivemos, um tempo aí, o acordo de Araguari, lá em Minas Gerais, em que vários pequenos produtores de café, para não deixar dez hectares... dois hectares sem plantar, comprou-se uma área e pôde-se, então, compensar. Isso pode ser feito com acordo. O que eu acho é que nós



precisamos levar em conta que nós precisamos preservar. Quando eu sobrevoou, de avião, que vejo a margem do rio totalmente desmontada, nós temos que acreditar que aquele rio vai ser assoreado e que aquele rio vai ficar seco. Então, nós temos que cuidar, para o nosso bem, isso é um patrimônio! Nós não podemos permitir que alguém, porque quer ganhar R\$ 1, destrua uma coisa da natureza que serve a toda a Humanidade e a todo o povo brasileiro. O que nós queremos é partilhar uma legislação com responsabilidade. Veja que quando nós criamos o Arco Verde... Primeiro, havia uma briga só de proibir: proibir, proibir, proibir, proibir. Nós, então... Eu falei: vamos chamar os prefeitos e vamos transformar os prefeitos em nossos parceiros. Conclusão: nós vamos ter o menor desmatamento na Amazônia este ano, outra vez. Em vez de colocar plaquinha, assim “Não pise na grama”, para as crianças pisarem, de teimosia, vamos educar que não é importante pisar na grama, e os prefeitos têm sido nossos parceiros.

Jornalista: Presidente, os aviões da FAB, os aviões de caça serão mesmo franceses?

Presidente: Eu não sei. Eu não sei, Nascimento, porque isso eu vejo pelos jornais. Tem gente que já comprou, tem gente que já pagou, tem gente que...

Jornalista: O senhor disse para o Sarkozy que ia comprar dele.

Presidente: Não, não, não. Veja, primeiro, é o seguinte: nós estamos atrás de alguma coisa, não apenas do avião. Nós estamos atrás de uma coisa mais sagrada, que é a transferência tecnológica, para que o Brasil possa produzir o avião e o Brasil possa vender o avião. Tem uma proposta francesa, que a FAB já estudou; o ministro da Defesa está preparando um relatório para mim; esse relatório vai chegar a minha mão; nós vamos chamar o Conselho de Defesa;



vamos discutir com o Conselho de Defesa; aí, um belo dia, eu anunciarei. Mas, por enquanto, não tem nada certo.

Jornalista: Bom, Presidente, uma última pergunta ao senhor: Belo Monte, Telebrás... O senhor acha que o ressurgimento das empresas estatais é o melhor caminho para o Brasil?

Presidente: É um bom caminho, e a crise econômica provou isso. Imagine a crise econômica brasileira, se não fosse o BNDES, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal? Se não fosse o Banco do Brasil, a gente não tinha comprado a Nossa Caixa, em São Paulo, a gente não tinha salvado o Banco Votorantim e comprado 50%. Eu queria financiar carro velho, o Banco do Brasil não tinha *expertise*. Para a gente formar profissionais, nós íamos demorar um ano, a crise não poderia esperar. Então, o que eu fiz? Como o Votorantim era o banco que tinha mais *expertise* em financiamento de carro usado, eu falei: vamos comprar quem sabe. Fomos lá e compramos metade. Pegamos outros bancos estaduais, salvamos, e transformamos o Banco do Brasil no banco que é. Aí o Banco do Brasil passou a ser responsável por uma grande parte do crédito brasileiro. A Caixa Econômica, a mesma coisa, e o BNDES, a mesma coisa. Então... A Eletrobrás... Você sabia que o Brasil não permitia que as nossas empresas públicas – Chesf, Eletronorte – participassem de licitação para construir hidrelétrica? Era um absurdo! Eu tenho uma engenharia extraordinária, criada pelo Estado brasileiro, que está proibida de trabalhar!

Jornalista: Mas e o fato de as nossas duas maiores construtoras privadas, nessa área, estarem fora da obra? Também não é...

Presidente: Ah, porque quiseram, porque quiseram... Meu filho, licitação tem dessas coisas: não ganha quem é mais bonito, ganha quem oferece o melhor



preço. E como nós colocamos um preço, a que ofereceu o preço mais próximo do que nós pedimos, ganhou. A verdade é que as duas grandes desistiram em R\$ 83, e nós conseguimos R\$ 78. Por quê? Porque quem ganha é o consumidor. Então, meu caro... as outras duas grandes estão em outras duas grandes hidrelétricas, que são Santo Antônio e Jirau, no rio Madeira. As empresas têm que aprender, têm que aprender que quando se tem um governo sério e todos agirem com seriedade, a gente consegue o melhor, e sempre o melhor, para o povo brasileiro.

Jornalista: Presidente Lula, o que o senhor vai fazer da vida, a partir do ano que vem, e até voltar a ser candidato em 2014? Ou não será?

Presidente: Eu vou... eu acho eu que vou pedir para carregar tua mala, nessas viagens que você faz (risos).

Jornalista: (Risos). Não tem nada na mala.

Presidente: Eu não sei, eu não sei, Nascimento, o que eu vou fazer. Eu, sinceramente, olhe, a única coisa de que eu tenho certeza é a seguinte, eu quero dizer para todo mundo: nunca antes na história do Brasil um ex-presidente se comportou tão bem como ex-presidente, sem dar palpite nas coisas que o Presidente está fazendo. Então, eu quero sair, quero viver o papel de ex-presidente, não quero fazer comentário sobre quem estiver governando, quero que a pessoa tenha a chance de governar, porque você não pode julgar um governante por um dia, por um mês, por dois meses, você tem que julgar o governante por uma obra. Um mandato... E eu vou te dizer mais uma coisa, vou te dizer mais uma coisa: hoje, nenhum governante no Brasil, nem no estado, nem no governo federal, será capaz de concluir uma obra grande, estruturante, em um mandato de quatro anos, porque entre você cumprir o



ritual que nós impusemos, da Lei de Licitação, depois enfrentar a questão ambiental, depois enfrentar o Tribunal de Contas, depois enfrentar o Ministério Público Estadual e o Federal, depois enfrentar os processos judiciais das empresas que perdem, às vezes, você termina o mandato e a obra não começou. Então, eu, na verdade, saí cansado, eu trabalho muito, trabalho muito, e eu quero descansar um pouco e viver a minha vida, voltar a ver jogo do Corinthians. E vou mostrar para a torcida que, no tempo que eu ia ao campo, a gente não vaiava o nosso time, a gente ia para aplaudir o nosso time (incompreensível).

Jornalista: E nem brigava tanto, não é?

Presidente: ...e nunca... Eu, sinceramente, não me lembro de ver briga. A gente se sentava junto com palmeirense, com são paulino, cada uma com a sua camisa, nunca teve briga. Eu acho que é preciso acabar com a ignorância. O torcedor, quando sai de casa, ele sai para ir torcer, para ir brincar, e não para brigar. Se ele quer brigar, vá para um ringue ali, monta um ringue na sua vila e fique se esmurrando, ou compra um daqueles negócios de saco de luta de boxe e fique dando cabeçada, o dia inteiro. Futebol é diversão.

Jornalista: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, obrigado pela sua entrevista ao SBT Brasil e aos telejornais do SBT.

Presidente: Obrigado a você, Nascimento, e até a próxima oportunidade.

Jornalista: Obrigado.

(\$31DHJLP)